

IX ENEC – Encontro Nacional de Estudos do Consumo

21 a 23 de novembro de 2018 – ESPM, Rio de Janeiro, RJ

Grupo de Trabalho: Tendências de Consumo Alimentar

Hábitos alimentares nas refeições no Brasil: uma análise de fatores sociais, econômicos, demográficos e regionais sobre o consumo no almoço .

Quéren Mota Herculano (FCS UERJ); João Renato de Souza Coelho Benazzi (FCS-UERJ)

Palavras-chave. Consumo alimentar; Almoço; Comida; Cultura.

Esse estudo tem por objetivo analisar fatores relevantes de natureza social, econômica, demográfica e regional que afetam o consumo nas refeições no Brasil. Nesse trabalho analisaremos especificamente fatores ligados ao consumo no almoço de segunda a sexta feira.

Para Barbosa e Barbosa (2014) a demanda por alimentos no Brasil vem experimentando variações diversas e relevantes nas últimas décadas a partir de mudanças estruturais, diversas delas levando a alterações nas preferências, hábitos e padrões de consumo nas refeições. Questões tais como renda do consumidor, custos dos alimentos, influências culturais e religiosas, disponibilidade de alimentos regionais, estilos de vida, etapas da vida, tipos de arranjo familiar, tipos de alimentos dentre outros fatores se combinam e se afetam conjuntamente para exercer influência sobre o consumo durante as refeições.

Através da análise de dados sobre os hábitos de consumo dos alimentos dos brasileiros, a antropóloga Livia Barbosa vem analisando a mais de uma década as relações entre comensalidade e sociabilidade no consumo das refeições dos brasileiros, classificadas em duas categorias – *refeições de dias da semana* (consideradas entre segundas às sextas-feiras) e *refeições de final de semana* (sábados e domingos). A autora enfatiza a importância do olhar antropológico sobre tais conceitos, visto que as pesquisas sobre alimentação estão debruçadas sobre os contextos da gastronomia, nutrição, necessitando ampliar a literatura sociológica da comida como ator principal, para além de seu papel como mediadora, na função de nutrir e entreter.

As análises aprofundam-se sobre as representações dos dias da semana considerando um eixo classificatório de expectativas, variando entre o positivo e o negativo. A autora explica que essas variações “estão relacionadas ao maior ou menor grau de individualismo e de momentos individualizantes que organizam e prevalecem ao longo do dia” (2009, p.41), considerando as condições emocionais que os entrevistados relatam sobre os momentos e as fases que realizam as refeições, valorizando a rotina em casa, no trabalho, na escola, na rua e em espaços de lazer. Tais observações explicam uma comensalidade para as refeições, bem como as relações e interações sociais (muitas vezes ausentes) entre entrevistados. São as observações sobre o “comer junto” ou “comer sozinho” em momentos distintos nos diferentes dias da semana. A autora observa tais comportamentos através de uma curva emocional para as refeições, de segunda à domingo, materializadas em atitudes, consumos e atividades distintas na rotina familiar e também na esfera pública dos restaurantes e bares. Segundo Bateson (1958), citado por Barbosa (2009, p.42),

À medida que saímos de segunda para domingo, as refeições domésticas podem incluir ou não sobremesas, seguir um planejamento maior ou menor, satisfazer em maior ou menor grau as preferências individuais e variações do prato. O passar dos dias altera o que comemos, com quem comemos, onde comemos e o ethos da refeição (BATESON in Barbosa 2009, p.42)

Considerando as diferentes dinâmicas da rotina dos brasileiros, em suas diferentes regiões, a pesquisa aborda as principais refeições e sociabilidades do cotidiano: o café da manhã, o almoço e o jantar.

Café da manhã

Este estudo demonstrou curiosidades sobre a relação dos brasileiros com o café da manhã. Por ser a refeição inicial do dia, é a consumida em casa pela maioria dos entrevistados (77%), mas singularmente não é a refeição que mais sociável apesar da possibilidade de unir a família (44%). É necessário compreender como tal união é entendida. Segundo a autora, muitos brasileiros, por pressa ou pela dinâmica do dia tomam café acompanhados de seus familiares. Tal companhia acontece não necessariamente em torno de uma mesa. O café da manhã se apresenta como a mais individualizante das refeições onde as pessoas apenas

consomem os alimentos, sem trocas e com poucas conversas. Para os entrevistados na faixa etária entre 60/65 anos o café da manhã geralmente ocorre em torno de uma mesa, ainda que não estejam todos ao redor e em momentos diferentes, é considerado pela maioria dos brasileiros como uma “refeição familiar”. Sob esse aspecto, é a refeição em que as pessoas menos falam e julgam ter menos tempo para se alimentarem.

A autora ressalta que, via de regra, o café da manhã além de ser sequencial (as pessoas o tomam em diferentes momentos da manhã) é uma refeição realizada “em partes”. Ela cita os casos onde pessoas relatam primeiro tomarem um cafezinho para acordar, organizar o início do dia em casa, colocar as crianças para a escola, para então completar a refeição com um café da manhã mais completo. É um ajuste de “ritmos pessoais” onde o “a pressão de um macrotempo social, dotado de uma dinâmica própria, que submete o microtempo dos indivíduos” (IDEM, 2009, p. 43).

Café, leite e pão são itens absolutos para a maioria dos brasileiros entrevistados, independente de critérios como segmento de renda, faixa etária ou região do país. O café da manhã se apresenta com a refeição mais comedida em termos de alimentos, de menor variação de menu. Barbosa (2007) salienta que poucas preferências individuais são solicitadas, ainda que as pessoas saibam da importância do café da manhã para a saúde e para o bem-estar durante o dia. Os alimentos consumidos no café da manhã são citados nas entrevistas apenas quando acionados gatilhos de memórias e sensações. Muitos entrevistados comentam sobre o cheiro do café, do pão quentinho com manteiga (ou margarina), da importância do café da manhã para começar o dia com disposição. Os pratos indicados como preferidos pelos entrevistados são citados sobre os cardápios do almoço, jantar ou de sobremesas, aponta Barbosa (2009). Para a autora, a sociabilidade do café da manhã poderia ser definida como de “reconhecimento existencial” ou de “funcionalidade doméstica”, uma sociabilidade em estado puro onde a presença do outro é apenas admitida, sem muito aprofundamento em conversas e outros assuntos. Citando DaMatta (1985), Barbosa (2009, p.45) aponta que a dinâmica do café da manhã durante a semana marca o início de todas as interferências que o macrotempo “da rua” fará no universo “da casa”. Essa pouca interação e pressa ao tempo também é percebido no café da manhã semanal fora de casa. Como diz a

autora, “pouco se fala, muito se pensa”. Seja em bares, padarias, lanchonetes e até mesmo no ambiente de trabalho, o café da manhã representa um momento breve de reflexão.

Alguns pontos são relevantes no tocante ao café da manhã dos finais de semana. Há uma outra dinâmica, uma outra sociabilidade. E até um menu mais ampliado. A pressão do tempo cede lugar à calma e ao relaxamento proporcionados pelo final de semana, associado ao lazer, ao descanso e ao prazer. No final de semana, conversa-se bem mais, lembra Barbosa. A pesquisa aponta um tempo dedicado às conversas, aos planos para o sábado e domingo, das notícias de jornais, dos assuntos da semana, do cotidiano da família e novidades em geral.

A comida ganha mais importância, o cardápio retoma o sentido de prazer, as preferências do paladar e do sabor são solicitadas. Nas palavras da autora, a sociabilidade é mais intensa e relaxada, ainda que não seja para falar especificamente da comida apreciada. Quando essas observações aparecem, revelam algum gosto ou pela falta de algum item que não se dispõe a ingerir na pressa do dia-a-dia.

Uma nova prática surge sobre o café da manhã de finais de semana – o consumo fora de casa em padarias sofisticadas, restaurantes e casas de cafés. A autora cita locais na cidade do Rio de Janeiro que se tornaram “points gastronômicos” para o consumo de café da manhã a exemplo do Forte de Copacabana, Mosteiro de São Bento e Parque Laje. Em São Paulo e em outros centros urbanos esse novo hábito surge entre as faixas de renda mais elevadas. Os cardápios são bastante variados com uma diversidade ampla de frutas, bolos, pães, sucos, geleias, frios, etc.

Barbosa (2009) enfatiza que apesar da variedade e abundância, o café da manhã de fim de semana fora de casa não pretende ser um *brunch*, no sentido norte americano. O cardápio é mais leve, não oferecendo caldos, feijão com molho de tomate adocicado, batatas ou costelas de boi. Além disso, o café da manhã, em geral, não ultrapassa as 11h30min. O objetivo é transformar o café da manhã em uma refeição de lazer, sem a intenção de competir ou disputar o mesmo horário do almoço.

A autora observa que nestes espaços de lazer e comensalidade, a sociabilidade envolve não apenas a família, mas inclui amigos.

Almoço

O almoço ainda é a refeição considerada pelos brasileiros como a que mais une a família, seja em áreas urbanas e rurais, chegando a 50% dos respondentes. Assim como o café da manhã semanal, o almoço também pode ser uma refeição sequencial. Podendo envolver variadas combinações de grupos familiares (mães, avós, filhos, crianças, diaristas, empregados), o almoço semanal obedece muito mais a uma sociabilidade da rotina cotidiana (trabalho, escola, cursos, afazeres domésticos), onde a pressa para o desempenho das demandas diárias é reforçada. Segundo Barbosa (2009), o almoço é composto de um entra e sai de pessoas, em horários diferentes, tornando-se uma refeição corrida onde à mesa ou em outros locais da casa, fala-se muito e conversa-se pouco. A sociabilidade geralmente é restrita às rotinas e práticas do dia-a-dia e das obrigações. Para a autora, o almoço doméstico não é uma refeição na qual o ethos do lazer e do relaxamento esteja presente. “O macrotempo que regula as atividades da rua invade a casa de forma impessoal, determinando o seu ritmo interno e ignorando ritmos específicos” (IDEM, 2009, p. 48).

Curiosamente, o almoço é o momento de sustância alimentar, reservado para nutrir o corpo com uma certa atenção. Porém, é o espaço propício ao conflito, principalmente em relação àquilo que se come. Fala-se sobre o que é servido, mas via de regra com reclamações e insatisfações. Os almoços caseiros não apresentam uma variedade ampla no cardápio e por isso é difícil agradar a todos. O feijão com arroz permanece como alimento tradicional à mesa dos brasileiros. No âmbito familiar são comuns comentários negativos daqueles que são conhecidos como difícil de “comer” e/ou “chato de comer”. Para a autora, isso não significa que as preferências individuais sejam desconhecidas, apenas não são enfatizadas. (IDEM, p.48)

Ainda como prática semanal, o almoço é a refeição mais ingerida fora de casa. Na pesquisa, 83%, em sua maioria homens e jovens, almoçam fora de casa por questões de trabalho ou estudo. Ainda que seja fora de casa, o almoço na rua não significa que se coma sozinho. As pessoas sentam-se à mesa, conhecidas ou não, e interagem sobre amenidades do cotidiano. Sendo a companhia colegas de trabalho ou pessoas amigas, os assuntos têm maior densidade. Falam sobre problemas pessoais, do trabalho ou até mesmo sobre futebol, festas, eventos.

A comensalidade do comer fora em dias de semana varia de acordo com o estabelecimento. Quando se escolhe um restaurante “à quilo”, onde o cardápio é bastante variado das entradas às sobremesas, a escolha é determinada pelo paladar e pelo bolso. O critério faixa de renda tem influência sobre o local escolhido, bem como os alimentos selecionados. A pesquisa aponta que não há uma regularidade dessa escolha em todos os dias da semana. Quando o final de semana se aproxima, as pessoas buscam um cardápio diferenciado, uma “restaurante melhor” onde possam apreciar uma comida mais elaborada, bem como uma apresentação mais apurada através do vestuário (a exemplo das mulheres). Ainda assim, o feijão com arroz permanece como opção de alimentos. Nas palavras de Barbosa (2009, p.49), “almoçar fora é um momento individualizante em um contexto macro hierárquico”.

O almoço semanal fora de casa apresenta um outro tipo de sociabilidade: o almoço de negócios. Nesses casos, o tempo médio de almoço é mais longo -cerca de uma a duas horas, enquanto no restaurante à quilo, o tempo médio está entre 20 a 30 minutos. O restaurante do almoço de negócios possui um ritmo mais lento – os chamados *à la carte* – onde o cardápio é escolhido com antecedência, às vezes necessitando de consenso na escolha do menu.

No final de semana, o almoço é a refeição central do domingo. O cardápio foge do trivial semanal cedendo lugar às preferências pessoais e individuais, aos excessos e à culpa. No domingo a comida representa o estar junto à família, aos amigos. O conceito familiar é mais abrangente, incluindo tios, tias, avós, primos, vizinhos, amigos muito próximos. O tempo é maior para as conversas, não descartando os conflitos. Conversa-se mais, fala-se pouco. Dentro ou fora de casa, o almoço de domingo exerce o ato de reunir, religar.

A autora exemplifica os casos comemorativos, seja com churrascos ou feijoadas, o horário não tem regras, podendo começar às quatro da tarde, invadindo a noite, ainda sendo chamado de almoço, mas neutralizando o jantar de domingo. A participação masculina é maior, principalmente em churrascos.

Barbosa (2009) elucida as emoções e experiências existenciais que permeiam a sociabilidade dos almoços dominicais, seja em casa ou fora dela, enfatizadas pelos acontecimentos da vida cotidiana de cada um. Planos futuros, histórias familiares e lembranças substituem conversas sobre trabalho ou inquietações e reclamações da

semana. O almoço de domingo elucida o planejamento e organização de lazer e entretenimento para a semana seguinte.

Jantar

O jantar durante a semana é representado como a refeição de união familiar. Caracteriza-se pelo momento de relaxamento, descontração e descanso. Barbosa ilustra o jantar como a refeição despreendida de compromisso após a ingestão dos alimentos. Não há mais afazeres de trabalho. O que se segue são os preparativos para o dia seguinte como escolher a roupa, prepara a mochila escolar e outras pequenas atividades. A calma proporciona mais conversa, ainda que não se despenda tanto tempo para o consumo como nos finais de semana. Segundo a pesquisa, mais de 80% dos brasileiros consideram o jantar como a refeição de maior integração familiar, conversando sobre a vida dos filhos, o desempenho no trabalho, os conflitos do dia-a-dia, proporcionando uma conversação mais ampliada.

Ainda que represente uma união familiar, o jantar não necessariamente é realizado em torno de uma mesa. Muitas vezes faz-se o prato e come-se no sofá, na sala ou no quarto. A comida não necessariamente seja um prato de feijão com arroz, semelhante ao almoço. Em algumas regiões o jantar é caracterizado por sopas, cremes, ou uma versão repetida do café da manhã. Barbosa nos mostra que os pratos tradicionais são consumidos de segunda à quinta. Com a proximidade do final de semana, o jantar vai sendo substituído por lanches com sanduíches, hambúrgueres, pizzas ou petiscos.

Às sextas-feiras é comum o jantar ser realizado fora de casa. Conhecido tradicionalmente como “a esticada de sexta”, as pessoas deixam seus locais de trabalho ao final do expediente para encontros em bares, restaurantes, boates e consomem petiscos e outros lanches.

É exatamente na sexta-feira à noite que se faz a passagem da semana para o fim de semana, e a relação social focada na família e na sociabilidade familiar cede espaço a outros atores e sociabilidades. Amigos, namorados, paqueras, substituem pais, mães, esposas e filhos. É uma sociabilidade centrada na amizade e nos demais tipos de afetividade. Seu objetivo é o encontro, no sentido lato do termo. (BARBOSA, 2009, p.52-53)

Para os finais de semana, o jantar assume características distintas. Se feito em casa, em condições rotineiras, o jantar é substituído por lanches. Em momentos comemorativos, o jantar assemelha-se ao almoço de domingo, preferencialmente aos sábados à noite. O domingo à noite tem um cardápio preferencial por lanches, a exemplo de pizzas, sanduíches, etc.

Esse estudo analisa dados de campo colhidos via levantamento (survey) realizado em 2015 por um instituto de natureza privada de pesquisa, realizado com amostra de 3.496 respondentes em todo o Brasil. Como instrumento de pesquisa foi usado questionário estruturado ministrado presencialmente. Os dados colhidos foram tabulados para se calcular os percentuais de cada quesito em análise. A frequência relativa assim obtida foi comparada dentro de cada critério para se identificar as diferenças e semelhanças nos padrões de consumo. Usou-se, portanto, análise de frequência dos dados colhidos e tratados.

Foram analisadas as variações no consumo a partir do seguinte conjunto de critérios: classes de renda com base no critério Brasil da ABEP (classes A; B; C e D/E); Região do Brasil (Nordeste, Norte, Sudeste, Sul e Centro-Oeste); escolaridade (analfabeto, ensino fundamental incompleto da 1ª a 4ª série, ensino fundamental completo da 1ª a 4ª série, ensino fundamental incompleto da 5ª a 8ª série, ensino fundamental completo da 5ª a 8ª série, ensino médio incompleto, ensino médio completo, superior incompleto, superior completo e pós-graduação/mestrado/doutorado); gênero (masculino e feminino); tipo de arranjo familiar (solteiro/casado sem filhos de 17 a 24 anos, casados com e sem filhos de 25 a 40 anos, casados com filhos de 41 a 55 anos e casados com filhos de 56 a 70 anos); cidade (Curitiba, Porto Alegre, São Paulo, Campinas, Bauru, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto, Rio de Janeiro, belo Horizonte, Salvador, Recife, Fortaleza, Brasília e Belém); idade (17 a 19 anos, 20 a 29 anos, 30 a 39 anos, 40 a 49 anos, 50 a 59 anos, e 60 a 70 anos); estado civil (casado, solteiro, vive junto, separado/desquitado/divorciado e viúvo).

A partir das perguntas realizadas e listadas a seguir são apresentadas as análise e principais conclusões a que o estudo permitiu chegar.

QUESTÃO: Pessoas que costumam realizar "Almoço durante a semana"

Ao observar a pesquisa sobre os hábitos alimentares dos Brasileiros x Almoço durante a semana, é possível analisar as relações entre alguns itens. A classe social não é um fator que gera diferenças nos hábitos alimentares em relação ao almoço semanal, pois a diferença entre a mais expressiva e a menos expressiva é mínima, somente de 2,90% (entre Classe A e Classe B). É possível notar que o critério Região influencia em tais hábitos alimentares, pois essa diferença é ampliada em 7,1%. O critério composição familiar não possui tanta influência no hábito de consumo do almoço durante a semana, pois a diferença entre o mais e o menos representativo é de 2,40%.

Já o critério Grau de Escolaridade exerce grande influência sobre os hábitos alimentares dos entrevistados. A maior diferença entre os grupos é de 9,5%. Para o critério Gênero (feminino e masculino) percebe-se o maior consumo entre as pessoas do sexo feminino, contudo a diferença representa apenas 0,9% do total de entrevistados. Ou seja, a diferença de gênero não tem influência sobre os hábitos alimentares. No critério Cidades, Recife (PE) é a que mais consome o almoço semanal (100%), contrapondo São José Rio Preto (SP) com o menor percentual em 87% - a diferença entre tais cidades representa 13%.

O critério Estado Civil não apresenta resultados significativos, visto que a diferença entre a maior e o menor percentual é de apenas 4,20%. Os entrevistados declarados Separado (a)/ Desquitado (a) /Divorciado(a) representam 98,20%, seguidos pelos Solteiros (as) com 97,80%, Casados(as) com 95% e os Viúvos (as) com 94,70%. No critério Faixa Etária, os entrevistados classificados entre 17 a 19 anos são os que mais consomem almoço durante a semana (98%). Em seguida as pessoas entre 20 a 29 anos (96,90%), 50 a 59 anos (93,40%), 60 a 70 anos (95,90%) representando uma diferença mínima entre eles de 1%. O percentual de diferença entre as faixas etárias é de 4,60%, ou seja, este não tem relevância nos hábitos alimentares referente ao almoço durante a semana.

QUESTÃO: QUAL A IMPORTÂNCIA VOCÊ REALIZA O ALMOÇO DURANTE A SEMANA

Ao analisar o público pesquisado é possível notar, através de escalas numéricas e percentuais, que as classes D/E são as que mais valorizam o consumo do almoço semanal (60,70%). Apesar desse fato, a diferença entre a mais e a menos expressiva é mínima, representando somente 3,60% (entre Classe A e Classe B). Ou seja, a classe social não é um fator relevante sobre a importância dada ao almoço semanal.

É possível notar que o critério Região possui significativa relevância, observado que a diferença do maior para o menor representa aproximadamente 37,20%. A região que mais valoriza a importância para almoço durante a semana é a região Sudeste (44,50%) em contraponto a Região Norte (7,30%), com o menor índice entre regiões.

A diferença de gênero não tem influência sobre os hábitos alimentares. Já que ao observar o público pesquisado (feminino e masculino) no país percebe-se, que as pessoas do sexo feminino dão mais importância para almoçar durante a semana do que as do sexo masculino, revelando um percentual muito restrito de apenas 4,7%.

O critério Grau de Escolaridade tem certa influência sobre o consumo do almoço durante a semana. Dos grupos analisados, os que mais dão importância por fazer o consumo do almoço durante a semana são os entrevistados classificados no Ensino Médio completo (39,90%), seguidos pelos entrevistados declarados com Ensino Superior completo (20%) e Superior incompleto (14,40%). No entanto, a maior diferença entre o grupo com número mais expressivo para o menor é de 39,70% o que leva a crer que a diferença no grau de escolaridade tem influência sobre os hábitos alimentares.

A composição familiar não possui tanta influência na importância do almoço durante a semana. Pois ao analisar os grupos de tipos de família brasileira (baseados na idade, estado civil e se possuem filhos), é possível destacar que o grupo que mais importa com o almoço durante a semana é aquele que tem entre 41 a 55 anos casados com filhos (25,60%). Logo em seguida os grupos de pessoas que compreendem entre 25 a 40 anos casado com filhos (25,10%). E em seguida mais com a diferença bem pouca são os que tem entre 56 a 70 anos casados com filhos (24,70%). A diferença do grupo mais representativo para o menos, é de 1,00%.

No critério Faixa Etária, o grupo entre 20 a 29 anos são os que mais dão valor ao almoço durante a semana (26,40%). Em seguida estão os grupos entre 40 a 49 anos (22,10%), 50 a 59 anos (18,60%) tendo uma diferença mínima entre o maior e o menor de 14,80%, ou seja, a idade tem influência na importância nos hábitos alimentares referente ao almoço durante a semana.

Para o critério Estado Civil, a importância dada ao almoço semanal para os entrevistados representa 57% entre casados (as), 25,30% entre solteiros (as), 6,90% entre Separado (a)/ Desquitado (a) /Divorciado(a), e 1,60% entre os viúvos (as). A diferença entre a maior e o menor percentual é de 55,40 %.

QUESTÃO: Frequência com que a família consome o almoço da durante semana juntos

É possível observar que a classe C é a que faz mais almoço da semana junto com seus familiares (29,40%), porém, a diferença entre a mais e a menos expressiva é mínima, somente de 8,60% (entre Classe C e Classe A). Ou seja, a classe social não é um fator de influência nos hábitos alimentares em relação a esta refeição.

O critério Região apresenta uma certa influência na importância do almoço durante a semana, visto que a diferença do maior para o menor representa aproximadamente 30,70%. Ao analisar o público de cada região é possível notar que a região Sudeste (39,60%) tem a maior frequência no consumo do almoço durante a semana junto à família, contrapondo a Região Sul com apenas 8,90% do total analisado.

Quanto aos níveis de escolaridades do país o Ensino Médio Completo (42,70%) aparece como o grupo de maior representatividade quanto a importância do almoço em família, seguido por aqueles que se declaram ter o ensino superior completo (18,70%) e pelos que afirmam ter o superior incompleto (15,70%). No entanto, a maior diferença entre o grupo com número mais expressivo para o menor é de 42,40% o que leva a crer que a diferença no grau de escolaridade tem influência sobre os hábitos alimentares.

Já a diferença de gênero não tem influência sobre os hábitos alimentares. A diferença apresentada é de apenas 9,20\$ entre os gêneros. Pessoas do sexo

feminino realizam com mais frequência o almoço em família durante a semana do que as do sexo masculino.

Para o critério Faixa Etária, os entrevistados entre 17 e 24 anos são os que mais almoçam durante a semana com seus familiares (27,40%). Em seguida, o grupo entre 40 e 45 anos (25,80%), 56 a 70 anos (24,40%) apresentando uma diferença mínima entre o maior e o menor de 5%, não trazendo relevância nesse critério sobre os hábitos alimentares do almoço semanal.

Já para o critério Estado Civil, percebe-se que este fator tem muita relevância na influência nos hábitos alimentares do almoço durante a semana, visto que, a diferença entre a maior e o menor percentual é de 51,40% para as pessoas que são casadas. Quem é Separado (a)/ Desquitado (a) /Divorciado(a) consome em média de 6,60%, solteiros (as) de 29,30%, vive junto (9,70% e os viúvos (as) de 1,50%.

QUESTÃO: Qual a frequência que você realiza o “Almoço durante a semana” em casa

A classe social não é um fator que gera diferenças nos hábitos alimentares em relação a esta refeição consumida em casa. Visto que, o público pesquisado é possível notar, através de escalas numéricas e percentuais, que a classe C é a que faz mais almoço da semana em casa (28,40%), no entanto, a diferença entre a mais e a menos expressiva é mínima, somente de 6,30% (entre Classe C e Classe D/E).

Ao estudar o público de cada região, tendo essa como base, é possível perceber, com a ajuda das escalas numéricas e dos percentuais, que a região que mais realiza o almoço durante em casa é a região Sudeste (34,30%) e o que possui o menor percentual de todos é a região Sul (10%). É possível notar que a região possui grande influência na importância do almoço durante a semana, pois a diferença do maior para o menor acaba sendo de aproximadamente 24,30%.

Observando os níveis de escolaridades do país e através dos dados percentuais da análise do grupo apresentado, é notório que o grau de escolaridade tem certa influência sobre o consumo do almoço durante a semana em casa. Dos grupos estudados os que mais consomem a refeição em casa são as pessoas que tem 1° ao 3° colegial completo (41,10%), logo em seguida o ensino superior

(19,500%) e em seguida o superior incompleto (12,90%). No entanto, a maior diferença entre o grupo com número mais expressivo (1° ao 3° colegial completo) para o menor (Analfabetos) é de 40,70% o que leva a crer que a diferença no grau de escolaridade tem grande influência sobre os hábitos alimentares.

No critério gênero (feminino e masculino) percebe-se, que as pessoas do sexo feminino realizam com mais frequência o almoço durante a semana em casa do que as do sexo masculino, apesar da diferença de 12,20%.

A idade não tem influência relevante nos hábitos alimentares referente ao almoço durante a semana. A faixa etária entre 25 e 40 anos representa a maioria dos que dizem almoçar durante a semana em casa (26,80%). Sendo a diferença mínima entre o maior (17 a 24 anos - solteiro e casado sem filho) e o menor (25 a 40 anos - casados com e sem filhos) de 3,70%.

O critério Estado Civil, é um fator de grande relevância na influência nos hábitos alimentares do almoço durante a semana em casa, visto que, a diferença entre a maior [Casado (a)] e o menor [Viúvo(a)] percentual é de 51,50%.

QUESTÃO: Qual a frequência que você realiza o "Almoço durante a semana" fora casa

É possível notar, através de escalas numéricas e percentuais, que as classes D e E representam aqueles que em sua maioria consomem o almoço semanal fora de casa (27,60%). No entanto, a diferença entre a mais e a menos expressiva é mínima, somente de 4,20% (entre Classe D/E e Classe B). Ou seja, a classe social não é um fator que gera diferenças nos hábitos alimentares em relação a esta refeição consumida fora de casa.

Em contraponto, é possível notar que a região possui grande influência do almoço durante a semana fora de casa, pois a diferença do maior para o menor acaba sendo de aproximadamente 41,90%. Dado que, o público de cada região, tendo essa como base, é possível perceber, com a ajuda das escalas numéricas e dos percentuais, que a região que mais realiza o almoço durante em casa é a região Sudeste (47,10%) e o que possui o menor percentual de todos é a região Norte (5,20%).

Para o critério Nível de Escolaridade é notório observar certa influência sobre o consumo do almoço durante a semana em casa. Dos grupos estudados os que mais consomem a refeição em casa são os entrevistados que se declaram ter o Ensino Médio completo (38,40%), seguidos pelos de Ensino Superior completo (21,60%) e de Superior incompleto (13,80%). No entanto, a maior diferença entre o grupo com número mais expressivo (Ensino Médio completo) para o menor (Analfabetos) é de 37,60% o que leva a crer que a diferença no grau de escolaridade tem grande influência sobre o consumo da refeição analisada fora de casa.

Quanto ao critério gênero, percebe-se que as pessoas do sexo feminino realizam com mais frequência o almoço durante a semana fora de casa do que as do sexo masculino, contudo, a diferença é mínima, de apenas 2%. Ou seja, a diferença de gênero não tem influência sobre esses os hábitos alimentares fora de casa. o grupo pesquisado percebe-se que a faixa etária de 41 a 55 anos são os que mais almoçam durante a semana fora de casa (27,30%). Sendo a diferença mínima entre o maior e o menor (56 a 70 anos - casados com filho) de 3,90%, ou seja, a idade não tem influência nos hábitos alimentares referente ao almoço durante a semana fora de casa.

Em relação ao critério faixa etária, percebe-se que os entrevistados entre 20 e 29 anos têm o costume de almoçar durante a semana em casa (24,90%). Em seguida aqueles entre 40 e 49 anos (23,10%), 50 e 59 anos (20,80%) apresentando uma diferença mínima entre o maior e o menor (17 a 19 anos) de 17,30%. Nesse critério, a idade possui grande influência quando relacionado com almoço durante a semana fora de casa.

Para o Estado Civil, percebe-se que este fator tem muita relevância na influência nos hábitos alimentares do almoço durante a semana em casa, visto que, a diferença entre a maior Casado(a) e o menor (Viúvo(a)) percentual é de 56%.

QUESTÃO: Quanto tempo você demora para comer "Almoço durante a semana"?

A seguir, identificaremos a relação entre percentual de entrevistados e o tempo despendido para a realização do almoço semanal:

- 3,10% dos entrevistados afirmam despende de 10 minutos para realizar o almoço durante a semana. Todos os critérios analisados, à exceção do item gênero, são capazes de influenciar nos hábitos do indivíduo.
- 19,20% dos entrevistados afirmam despende de 15 minutos para realizar o almoço durante a semana. Todos os critérios analisados, à exceção dos itens gênero, cotas e faixa etária são capazes de influenciar nos hábitos do indivíduo.
- 0,10% dos entrevistados afirmam despende de 20 minutos para realizar o almoço durante a semana. Todos os critérios analisados, à exceção dos itens gênero, cotas, estado civil e faixa etária são capazes de influenciar nos hábitos do indivíduo.
- 6,10% dos entrevistados afirmam despende de 22 minutos para realizar o almoço durante a semana. Todos os critérios analisados, à exceção do item cotas, são capazes de influenciar nos hábitos do indivíduo.
- 3,30% dos entrevistados afirmam despende de 25 minutos para realizar o almoço durante a semana. Todos os critérios analisados, à exceção dos itens gênero, cotas, estado civil e escolaridade são capazes de influenciar nos hábitos do indivíduo.
- 11,90% dos entrevistados afirmam despende de 30 minutos para realizar o almoço durante a semana. Todos os critérios analisados, à exceção dos itens gênero, cotas, estado civil e faixa etária, são capazes de influenciar nos hábitos do indivíduo.
- 1,40% dos entrevistados afirmam despende de 35 minutos para realizar o almoço durante a semana. Todos os critérios analisados, à exceção dos itens gênero e estado civil, são capazes de influenciar nos hábitos do indivíduo.
- 9,90% dos entrevistados afirmam despende de 40 minutos para realizar o almoço durante a semana. Todos os critérios analisados, à exceção do item gênero, são capazes de influenciar nos hábitos do indivíduo.
- 0,10% dos entrevistados afirmam despende de 45 minutos para realizar o almoço durante a semana. Todos os critérios analisados, à exceção do item

gênero, cotas, grau de escolaridade, estado civil e faixa etária, são capazes de influenciar nos hábitos do indivíduo.

- 0,40% dos entrevistados afirmam despende de 50 minutos para realizar o almoço durante a semana. Todos os critérios analisados, à exceção do item gênero, são capazes de influenciar nos hábitos do indivíduo.
- 0,30% dos entrevistados afirmam despende de 60 minutos para realizar o almoço durante a semana. Todos os critérios analisados, à exceção dos itens gênero, cotas, grau de escolaridade, estado civil e faixa etária, são capazes de influenciar nos hábitos do indivíduo.
- 0,10% dos entrevistados afirmam despende de 80 minutos para realizar o almoço durante a semana. Todos os critérios analisados, à exceção dos itens gênero, cotas, grau de escolaridade, estado civil e faixa etária, são capazes de influenciar nos hábitos do indivíduo.
- 31,75% dos entrevistados afirmam despende de 100 minutos para realizar o almoço durante a semana. Todos os critérios analisados, à exceção dos itens gênero e cotas são capazes de influenciar nos hábitos do indivíduo.

QUESTÃO: Quais desses alimentos você mais consome no "Almoço de Semana"?

- 82% dos entrevistados consomem arroz branco; 8% consomem arroz integral; 5,20% consomem arroz com legumes.
- 42% consomem feijão carioca; 5,20% dizem consumir feijoada durante o almoço da semana; 26,90% consomem feijão preto.
- 23,40% consomem macarrão; 7,50% dizem consumir o tipo de massa lasanha em almoços semanais.
- Entre as verduras e leguminosas, 39% afirmam consumir alface; 10,10% consomem cebola; 11% consomem pepino; 34,10% consomem tomate (apesar do tomate ser um fruto, os entrevistados o classificam como verdura ou leguminosa); 16,70% afirmam consumir batata; 7,20% consomem na opção purê de batata; 10,80% ao consumo de cenoura; 7,30% consomem brócolis.
- Quanto ao consumo de ovos, 5% dos entrevistados dizem ingeri-lo frito ou estalado e 82% na versão cozido.

- O consumo de peixe (espécie Merluza) corresponde a 6,10% dos entrevistados. Já o de carne bovina representa 54,10% no prato dos brasileiros, seguido por 43,40% do consumo de carne de frango.
- Os itens linguiça/salsicha de frango representam 8,20% e linguiça/salsinha de calabresa representam 6,70% do consumo dos entrevistados.
- Já a carne suína aparece em 6,90% dos dados

Depois de considerar todos os dados adquiridos pela pesquisa em relação ao tempo e demais hábitos alimentares da refeição almoço durante a semana é possível destacar que, o critério gênero não causa impacto nos hábitos dos entrevistados. Todos os outros critério (em maior ou menor relevância) influenciam nos hábitos sobre o consumo de alimentos durante o almoço semanal.

Referências

BARBOSA, Lívia. **Comida e sociabilidade no prato brasileiro**. In PORTILHO, Fátima; VELOSO, Letícia (orgs.). Consumo: cosmologias e sociabilidades. Rio de Janeiro: Edur/Mauad X, 2009